# LITERATURA E CINEMA: DIÁLOGOS COM JANE AUSTEN

Jordana Maria da Silva Persin (Fundação Araucária)[1](#_bookmark0) Unespar/*Campus* Paranaguá, jordanampsilva@gmail.com

Cristiane Pagoto Unespar/*Campus* Paranaguá, cris.pagoto@unespar.edu.br

Modalidade: Pesquisa Programa Institucional: PIBIC

Grande Área do Conhecimento: Letras, Linguística e Artes

# INTRODUÇÃO

Esta pesquisa representa um momento especial em minha vida, pois é meu primeiro artigo e meu primeiro trabalho como bolsista de Iniciação Científica. Intitulado "Literatura e Cinema: Diálogos com Jane Austen", a pesquisa foi desenvolvida entre 2023 e 2024 e teve como objetivo analisar as representações de gênero na literatura do século XIX, com foco na obra *Emma*, de Jane Austen e sua adaptação cinematográfica homônima de 2020, dirigida por Autumn de Wilde.

O interesse por essa pesquisa surgiu a partir de um convite feito pela professora- coordenadora, que viu em mim um potencial para a pesquisa e assim me introduziu ao universo de Jane Austen. Foi nesse momento que tive meu primeiro contato com a autora, o que despertou em mim uma admiração pela forma com que aborda as questões femininas. Minha afinidade com os estudos de cunho feminista foi crucial na escolha dos objetivos desta análise, que se concentram em explorar as representações do feminino na obra *Emma* e em sua adaptação cinematográfica. Portanto, esta pesquisa não apenas representa uma oportunidade acadêmica, mas também é uma extensão de um interesse pessoal enraizado nas lutas e reflexões feministas.

A arte tem, ao longo do tempo, servido como um espelho da vida, refletindo e, muitas vezes, criticando a sociedade em que está inserida. Artistas, cineastas e escritores de grandes

1 O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação Araucária/SETI, por meio de bolsa concedida a estudante Jordana Maria da Silva Persin.

obras utilizam a literatura e outras formas de expressão para questionar e desconstruir normas sociais. Nesta pesquisa, analisarei como a renomada escritora Jane Austen, em sua obra *Emma*, e a adaptação cinematográfica homônima, dirigida por Autumn de Wilde em 2020, utilizam a sátira e a ironia para criticar e desconstruir papéis sociais. A literatura e o cinema desempenham ferramentas centrais na construção e reconstrução de narrativas sociais. No caso da literatura feminina do século XIX, como exemplificado por *Emma,* essas narrativas expõem os limites, abusos e restrições impostos às mulheres em uma sociedade patriarcal.

A obra *Emma* é um exemplo paradigmático dessa crítica, pois Austen explora o casamento como uma instituição mercantil, na qual as mulheres eram frequentemente tratadas como mercadorias a serem negociadas por homens. Esta pesquisa propõe uma análise comparativa entre o romance de Austen e sua adaptação cinematográfica de 2020, com o objetivo de examinar como a crítica social de Austen é mantida ou transformada no contexto contemporâneo, especialmente em relação ao casamento e às expectativas de gênero. Pretendo evidenciar a persistência dos paradigmas patriarcais que, apesar das muitas lutas feministas para desconstruir esses ideais, ainda influenciam as relações conjugais e sociais nos dias de hoje. Assim, este estudo parte do pressuposto de que, ao analisar essas narrativas históricas através de novas linguagens, como o cinema, é possível não apenas entender as raízes das desigualdades de gênero, mas também refletir criticamente sobre como elas continuam a se manifestar em nossa sociedade.

# MATERIAIS E MÉTODOS

Para realizar esta pesquisa, utilizei como método a pesquisa bibliográfica e a análise textual. Como aporte teórico, para os estudos de gênero, baseio-me sobretudo em Simone de Beauvoir. Além desta autora, cito vários outros pesquisadores para dialogar com os estudos de representação feminina, como Lorena Portela. Para as considerações sobre a adaptação cinematográfica, apoiei-me no estudo de Marcela Soalheiro.

Realizado o levantamento teórico, passei à segunda etapa da pesquisa: a leitura e análise do romance de Austen. Busquei, durante este processo, destacar passagens que representassem os papeis de gênero, bem como a sua tentativa de desconstrução por meio da

ironia e do humor. O meu terceiro passo foi buscar na adaptação cinematográfica do romance elementos que se aproximavam ou se distanciavam do romance. Por fim, procurei analisar e comparar a representação do casamento na literatura e no cinema, focando no diálogo entre as diferentes linguagens utilizadas no romance e em sua adaptação cinematográfica. Através dessa análise, pretendi investigar como episódios específicos relacionados ao casamento são retratados e refletir sobre a persistência dos paradigmas patriarcais que ainda influenciam a sociedade contemporânea. Essa pesquisa busca, portanto, denunciar as raízes do patriarcado, utilizando a literatura e o cinema como ferramentas críticas para desconstruir as estruturas que perpetuam a desigualdade de gênero.

# RESULTADOS E DISCUSSÕES

Segundo Simone de Beauvoir (2016), o casamento moderno só se compreende à luz do passado que ele perpetua. Nesse sentido, muitos dos aspectos do casamento hoje são influenciados por padrões culturais e sociais. Esses aspectos ainda perpetuam certas estruturas de poder, papéis de gênero e expectativas dentro das relações conjugais. O romance desse estudo, *Emma*, de Jane Austen, faz uma crítica e denúncia à sociedade, à opressão feminina e suas limitações. Essa obra carrega consigo a luta por autonomia e direitos igualitários nos dias de hoje, é, portanto, neste sentido que apesar de ter sido publicada em 1815, *Emma* continua sendo atual, mostrando como a literatura se perpetua viva dentro de diferentes contextos históricos. O estudo da literatura de autoria feminina e suas lutas durante os anos devem persistir, desconstruindo esses paradigmas patriarcais enquanto eles estiverem enraizados dentro de uma sociedade. Atualmente, milhares de mulheres ainda sofrem feminicídio, desigualdade de gênero, disparidade salarial, etc. Sendo assim, essa pesquisa buscou, por meio da literatura e do cinema, fazer uma denúncia das raízes do patriarcado que ainda se mantém vivas.

A autora inglesa Jane Austen é reconhecida por suas abordagens satíricas acerca da sociedade da sua época, principalmente no que diz respeito ao casamento. Ao longo do romance denominado *Emma*, a escritora examina o casamento como uma instituição econômica e social, destacando expectativas sociais, pressões familiares e as limitações

impostas às mulheres. Através dos romances austenianos, surgiram adaptações cinematográficas de grande sucesso nos cinemas, como *Orgulho e Preconceito* (2005), dirigido por Joe Wright. Segundo Marcela Soalheiro (2023, p. 524):

É um fenômeno bastante específico do contemporâneo que se multipliquem determinadas obras clássicas de maneira recorrente, produzindo inúmeras versões audiovisuais. Jane Austen (1775-1817) é uma das autoras cuja obra se encaixa nessa dinâmica. As narrativas ficcionais e suas versões para as telas – sejam longas-metragens, séries de televisão ou streaming, assim como tantas outras instâncias de produção audiovisual – estabelecem relações mais amplas e complexas do que um simples diálogo linear entre um texto literário e sua versão adaptada.

Através da análise de Soalheiro, é possível afirmar que as obras de Austen são grandes cânones, pois suas diversas adaptações refletem que suas narrativas são atemporais e possuem a capacidade de dialogar com diferentes públicos em contextos históricos distintos, carregando sua crítica a questões sociais por diferentes gerações e nacionalidades. Nesse sentido, este artigo propõe uma análise do romance *Emma,* de Jane Austen e sua adaptação cinematográfica homônima de 2020, explorando as questões sociais que a escritora atemporal denunciou e que ainda se refletem nos dias de hoje.

A familiaridade que temos com as obras de Jane Austen, como *Emma*, desempenha um papel crucial no sucesso das suas adaptações cinematográficas. Quando reencontramos essas histórias nas telas, não estamos apenas assistindo a uma nova versão de um texto clássico, mas nos reconectando com memórias culturais e afetivas que essas narrativas evocam. Soalheiro (2023), aponta que:

Quando reencontramos histórias como a de Emma Woodhouse em edições como esta, percebemos a dimensão da familiaridade que temos com textos clássicos, mesmo que não saibamos exatamente em que momento e em quais circunstâncias aconteceu nosso primeiro encontro. Esse resgate de memória é curioso, e pode ser desafiador definir o nosso ponto de entrada nesse verso, mas sabemos que há algo de confortável naquilo e que nos preenche afetivamente diante da oportunidade de encontrar algo (re)conhecido. Essa familiaridade, de acordo com a autora Linda Hutcheon, em *Uma teoria da adaptação* (2013), é um dos principais elementos para explicar o apelo adaptações audiovisuais de textos literários amplamente circulados culturalmente, tanto pela perspectiva comercial, como pelas relações que leitores e espectadores têm com essas obras. E justamente essa aposta na

existência de a público conhecedor, cujo afeto e memória são impactados pelo reencontro, que nos permite compreender a frequência com que essas narrativas são tomadas nos mais diversos espaços de consumo e de entretenimento (Soalheiro, 2023, p. 523).

As adaptações de *Emma*, como a dirigida por Autumn de Wilde, vão além de simples recriações; elas funcionam como meios para revisitarmos e reavaliarmos questões sociais e culturais que, embora originadas no século XIX, continuam a ter relevância em nossa sociedade contemporânea. Assim, a obra de Austen se mantém viva e em constante diálogo com diferentes públicos ao longo do tempo, perpetuando sua crítica social em novos contextos históricos.

Destaca-se que esse filme recebeu diversas indicações e prêmios importantes, incluindo uma indicação ao Oscar de Melhor Figurino e Melhor Maquiagem e Penteados, bem como reconhecimentos no Critics' Choice Awards e Globo de Ouro. No Brasil, o filme é disponibilizado pela plataforma *Amazon Prime Video.*

# A instituição do casamento mercantil e os padrões impostos às mulheres na sociedade inglesa do século XIX

Durante o século XIX, o dote desempenhou grandes impactos na posição social do sexo feminino. A mulher era negociada em casamento pelo seu progenitor, como um item de mercadoria. Essa prática era o elemento econômico principal nas negociações matrimoniais, o valor era repassado para o marido em forma de posses ou bens da família da mulher negociada. Lobato afirma que:

Além disso, o valor do dote de uma moça também era definido de acordo com o desejo e a disponibilidade dos pais. Um dote maior facilitava na conquista de um marido, uma vez que a união demonstrava-se vantajosa economicamente para ele, que, por sua vez, recebia legalmente a quantia do dote de sua noiva após o casamento. Diferentemente, uma moça que dispunha de um dote menor encontrava maiores dificuldades para se casar, já que o valor de seu deste não atraía a atenção dos pretendentes (Lobato, 2018. p. 4).

Lorena Portela observa como Emma, por vezes, prioriza a classe social do futuro

marido de Harriet em suas considerações, destacando o casamento mercantil: “As relações que Emma costura não são baseadas em amor quando não precisam ser. Harriet, por exemplo, se apaixona pelo Sr. Martin e considera casar-se com ele. Emma, pragmática, interfere de forma categórica, elaborada e, exercendo seu pode – social e emocional -, tenta ajustar os sonhos da amiga” (Portela, 2023, p. 521)

Além disso, no romance austeniano é possível identificar o casamento de conveniência através do personagem Elton, que escolhe outra moça para ser sua esposa ao invés de Harriet, uma vez que esta dispunha de pouco dote. Para ele foi vantajoso escolher a jovem da alta sociedade e com um dote maior, pois manteria seu status social. Além disso, na sociedade patriarcal, a instituição do casamento carregava consigo a ideia de que a mulher só teria um bom casamento se tivesse uma boa família. Esse evento acontece com a jovem Harriet, pois sua rejeição também foi resultado de não ter uma base familiar estruturada de acordo com as regras para a formação de uma família segundo o patriarcado. Tal posicionamento reflete não apenas a desigualdade de gênero, mas a percepção de que o valor da mulher está ligado à sua posição na estrutura familiar e social. As pesquisas de cunho feminista desafiam essa ideia, destacando a importância de reconhecer as mulheres como cidadãs independentes, cujo valores não devem ser criados por fatores externos, como a origem familiar.

A Inglaterra do século XIX experimentou mudanças significativas relacionada ao casamento, esse que anteriormente era baseado em estratificações sociais, passou a considerar o amor como fundamento para o matrimônio, como retrata Sandra Guardini Vasconcelos (1995, p. 86):

Com a ascensão da burguesia, a sociedade inglesa havia sofrido mudanças muito importantes. O poder político e econômico estava mudando de mãos e a combinação de capitalismo e protestantismo determinava novos papéis tanto para o homem como para a mulher, resultando numa nova concepção de casamento. O casamento e o amor, que sempre haviam sido mantidos dissociados pela aristocracia, passavam agora a ser vistos como inseparáveis pela burguesia puritana. Com os casamentos de conveniência sendo gradualmente substituídos pelo que o historiador Lawrence Stone chama de "companionate marriage".

Embora essa mudança houvesse ocorrido no contexto do sistema matrimonial inglês, a perspectiva familiar e as influências sociais exerciam consideráveis impactos sobre as

decisões dos pretendentes. Isso devia ao fato de que muitos jovens dependiam do suporte financeiro dos seus pais para estabelecem seus lares. O romance retrata esse fato através do personagem Frank Churchill, que pôde casar-se com quem amava após o falecimento da sua tia, visto que essa não aceitava uma jovem de classe social diferente, alegando que ele seria deserdado caso o fizesse, representado pelo filme: “- A senhora Churchill dá as ordens em Enscombe, tudo segue o comando dela. Ela decretou que se o Frank não se casar com uma dama de fortuna, ele será totalmente excluído do testamento.” (Wilde, 2020)

Sendo assim, é possível destacar que a obra carrega dentre suas diversas abordagens críticas às opressões femininas, uma crítica contundente ao casamento como uma instituição mercantil. Ao longo da narrativa, a autora utiliza ironia para subverter as expectativas sociais da época, expondo as complexidades e limitações impostas às mulheres por meio desse tipo de união.

# A opressão à mulher solteira e as desigualdades provenientes do sistema patriarcal

Durante o século XIX, a vida da mulher solteira era, frequentemente, marcada por opressões devido às normas patriarcais vigentes na época. Naquele período, elas sofriam repressões e não tinham as mesmas oportunidades que o sexo masculino. Essas mulheres eram reprimidas pelo estigma social, eram vistas como incompletas e inadequadas por não optarem em ser mãe e esposa. Em uma sociedade pautada na submissão ao marido e à maternidade, aquelas que escolhiam não se relacionar eram marginalizadas. Grandes lutas por igualdade de gênero e mulheres representantes desse movimento criticaram a instituição do casamento mercantil. Simone de Beauvoir, considerada a base dos estudos feministas, nos faz refletir que, assim como o homem, a mulher deve ser completa: “O casamento sempre se apresentou de maneira radicalmente diferente para o homem e para a mulher. Ambos os sexos são necessários um ao outro, mas essa necessidade nunca engendrou nenhuma reciprocidade; nunca as mulheres constituíram uma casta masculina” (Beauvoir, 2016, p. 186).

Em seu romance *Emma*, Jane Austen faz uma crítica a esse estigma através de um diálogo entre as personagens Emma e Harriet, esta fica incrédula ao ouvir de sua amiga um discurso contrário daquele enraizado pelo sistema patriarcal. Apresento o diálogo:

* Era preciso que eu encontrasse alguém muito superior a todos aqueles que conheci até agora, para me sentir tentada (o sr. Elton, como sabe – pensou consigo mesma – está fora de consideração), e também não quero encontrar tal pessoa. Prefiro não ser tentada. A mudança realmente não seria para melhor. Se vier a casar-me, prevejo que me arrependerei.
* Meu Deus! É tão incomum ouvir-se uma mulher falar assim!
* Não tenho nenhuma das habituais propensões das mulheres para casar. Se eu me apaixonasse por alguém, seria diferente; mas nunca me apaixonei; não é do meu feitio, nem da minha índole; creio que nunca me apaixonarei. E, sem amor, penso que seria tola se quisesse trocar a situação que tenho [...].
* Mas assim acabará uma solteirona afinal, como Miss Bates! (Austen, 2017, p. 84).

A personagem Harriet Smith ocupa uma posição social inferior devido à ausência de uma figura paterna, que era de grande importância naquela época. Isso a torna vulnerável em uma sociedade estruturada por ideais patriarcais. Ela é retratada como uma pessoa submissa e passiva às vontades de sua amiga Emma, tornando-a não apenas uma vítima, mas também um agente que perpetua as normas nesse sistema opressor. Harriet aceita de maneira passiva tudo que lhe é imposto com o objetivo de conseguir um casamento que seja aprovado aos olhos de Emma. Isso retrata a internalização das ideologias patriarcais na personagem. Ao aceitar e seguir as orientações de sua amiga rica, ela não apenas se submete, mas também legitima o sistema que a oprime. A narrativa austeniana ressalta que devido a falta de alternativas e conscientização, algumas mulheres podem, inadvertidamente, reforçar os ideais que sustentam um sistema que as objetifica.

Além disso, em sua obra, Austen também retrata a diferença entre a jovem rica e a pobre órfã, embora as duas sejam oprimidas e tenham seus caminhos limitados, a jovem rica dispõe de maiores possibilidades de escolha, enquanto a pobre é desfavorecida e pressionada a casar-se logo parar ter ascensão em sua vida. Cito uma passagem que ilustra esta diferença:

* Mas, mesmo assim, acabará solteirona... e isso é pavoroso!
* Não se preocupe, Harriet, não serei uma pobre solteirona; e é a pobreza apenas o que torna o celibato lastimável para as almas generosas! Uma mulher solteira com uma renda muito baixa pode ser uma solteirona ridícula e desagradável, motivo de escárnio para as crianças; mas uma mulher solteira de boas posses é sempre respeitável, e pode ser tão sensível e agradável como qualquer outra pessoa! (Austen, 2017, p. 85)

Portela apresenta uma análise pertinente exemplificando o privilégio e a liberdade de escolha que a moça rica dispunha, escancarando as desigualdades sociais retratadas entre as jovens personagens da obra.

Explico: imagino aqui a paz de espírito com que Emma desfilava no auge dos seus 22 anos, desobrigada do arranjo de casar com um homem para salvar seus pais, livre de condenação de viver com um tipo mais velho, sofrer violências, calar sua voz, pacificar sua inquietude – tudo porque recairia sobre ela a esperança de garantir seu futuro ou, como em tantos casos, o de sua família. Desobrigada de buscar salvação no matrimônio, Emma encontra o amor, e esse é o maior privilégio que poderia ostentar: a liberdade de fazer escolhas baseadas no quer e no que sente. Mais do que a riqueza, a família, o conforto, Emma tem a benção da escolha. A coroação máxima de seu status social é poder amar o homem com que vai se casar (Portela, 2023, p. 521).

Portela observa ainda que as desigualdades econômicas não apenas moldam as prioridades dessas moças, mas também destacam as diferentes realidades que cada uma enfrenta. As jovens mais privilegiadas, com maior acesso a tempo e recursos, desenvolvem preocupações e interesses distintos, refletindo como suas circunstâncias socioeconômicas influenciam diretamente suas escolhas e visões de mundo. Essa perspectiva ressalta a disparidade social e suas implicações na vida das personagens:

De sua cadeira macia e confortável, Emma se mostra exímia observadora do entorno: ao contrário das mulheres à sua volta, não está focada em conhecer ou encantar rapazes para então conseguir um casamento, mas se aproximar das pessoas adequadas para costurar os cenários que considera ideais. Isso inclui das uma mãozinha para que suas amigas – bem retratadas na figura de Harriet, menos abastadas que Emma, mas que ela reconhece ser fundamental para as mulheres de sua época (Portela, 2023, p. 520).

Na obra cinematográfica *Emma* (2020), a "solteirona" é representada por Miss Bates, uma mulher pobre que cuida de sua mãe idosa e depende da caridade de outros para sobreviver. O figurino de Miss Bates é composto por tons mais escuros e tecidos misturados, dando-lhe um ar desajustado. Miss Bates é retratada como uma mulher tagarela, frequentemente ridicularizada e tratada com condescendência pelos outros personagens, que veem nela um objeto de piedade. Sua situação precária a coloca em uma posição

extremamente vulnerável, sem segurança financeira, refletindo como as mulheres que não se casavam eram marginalizadas e ridicularizadas em uma sociedade patriarcal. A maneira cruel como Emma e outras personagens a tratam, apesar da humildade e empatia constantes de Miss Bates, revela a indiferença e desprezo da sociedade por mulheres que não se adequavam aos ideais patriarcais. A cena em que Emma a humilha pela sua maneira de se expressar é emblemática, evidenciando a falta de sensibilidade e empatia da elite para com as mulheres menos favorecidas, destacando a crueldade inerente ao sistema social da época.

O poder aquisitivo da personagem Emma Woodhouse a coloca em uma posição privilegiada, conferindo-lhe a autoridade para opinar, muitas vezes de forma arrogante, sobre a vida das pessoas ao seu redor. Suas ações são respaldadas por sua riqueza, permitindo que ela decida o destino dos outros como se fosse a única detentora do saber, agindo como se tivesse o direito de determinar as vidas alheias, isso ocorre porque a personagem rica possui todo o tempo de sua vida para desfrutar a sua maneira. Emma impõe suas ideias pessoais e vontades sem considerar os desejos dos outros, demonstrando um autoritarismo. Essas ações da personagem exemplificam o elitismo, pois sua posição social a faz pensar que tem o direito de controlar a vida das pessoas. Segundo Portela, o maior privilégio das mais afortunadas é a liberdade de usar e desperdiçar o tempo como bem entendem. Portela afirma ainda:

Assim como Blair, por exemplo, Emma goza de tempo livre para, achando- se muito esperta, resolver problemas que não são seus – o que culmina, muitas vezes, em uma divertida cascata de desastres. Além disso, essas personagens se dão a importância devida para interferir no futuro dos amigos e dos inimigos, costurando relações sociais de acordo com sua própria visão de mundo (Portela, 2023, p. 519).

Durante o século XIX, a relação de poder entre a mulher solteira e a casada era, frequentemente, influenciada pelas normas sociais, culturais e legais vigentes naquele período., sendo concedido mais poder às mulheres casadas que as solteiras, reforçando que o poder da mulher estava atrelado ao homem. Esse fato é retratado na obra cinematográfica através do diálogo entre alguns personagens:

* Você acha que o Sr. Knightley estenderia o convite a todos para irmos a Abbey, Srta. Woodhouse? Eu gosto de explorar casas grandiosas e temo não ter mais o que explorar em Highbury.
* Receio que o Sr. Knightley só se preocupe com seus arrendatários e não com a casa dele, Sra. Elton. Seus salões de bailes e galerias estão todos fechados.
* Eu ficaria muito feliz em abrir Donwell para a sua exploração, Sra. Elton. O convite já devia ter sido feito.
* Eu gostaria muito disso, marque o dia e eu irei.
* Eu não posso marcar um dia até falar com outros amigos que eu gostaria de convidar também.
* Deixe isso comigo. A festa é minha, eu convidarei os seus convidados.
* Espero que traga o Elton, mas não vou incomodá-la com convites
* Bem, agora está sendo muito furtivo. O senhor não precisa ter medo de delegar poder a mim. As mulheres casadas, como sabe, podem fazer isso sem problemas (Wilde, 2020).

Ao sexo feminino era estabelecido somente o casamento e a maternidade, muitas vezes, sem dar as mulheres o direito de escolha. Além disso, eram submetidas a uma estrutura familiar que conferia ao marido a autoridade sobre sua esposa. Essa autoridade era respaldada legalmente, resultando na supremacia do homem e na subordinação da mulher. O poder da mulher casada, por menor que fosse, derivava do homem ao qual ela estava ligada pelo matrimônio.

Na obra cinematográfica, isso pode ser retratado através da relação entre as personagens Emma e Harriet. Harriet, uma órfã, não tem autonomia sobre suas próprias decisões, e Emma, na maior parte de seu tempo, preocupa-se com a manutenção do casamento de Harriet, levando em consideração a classe social do futuro marido de sua amiga. Quando Harriet recebe uma proposta de casamento de um homem humilde, mas por quem nutria sentimentos mútuos, Emma impõe sua opinião e a convence a recusar o pedido. Em uma discussão com Emma, o Sr. Knightley expressa sua opinião, denunciando essa dinâmica patriarcal onde o poder e respeito à mulher eram dados através do homem à qual estavam ligadas, como é possível identificar nessa cena:

* É melhor ficar completamente sem juízo, do que usá-lo incorretamente como você. Homens sensatos não querem esposas tolas e homens mais convenientes teriam medo da inconveniência e da desgraça a qual poderiam estar envolvidos quando o mistério da paternidade dela fosse revelada. Deixa a casar-se com Robert Martin e ela estará segura e será respeitável para sempre (Wilde, 2020).

# O domínio do patriarcado e o pai castrador

Em ambas as obras, o Sr. Woodhouse, pai de Emma, desempenha um papel fundamental na construção de uma visão negativa do casamento, que sua filha internaliza e reproduz. Emma, embora evite casar-se, nutre sentimentos ambivalentes em relação ao matrimônio, o que a leva a assumir o papel de "casamenteira". Esse comportamento de Emma pode ser compreendido à luz da teoria lacaniana, particularmente no que se refere ao conceito do "pai real", que exerce uma influência psíquica sobre a filha, moldando suas atitudes e escolhas (Bispo, 2017).

No romance, isto pode ser ilustrado através do diálogo entre o Sr. Woodhouse e Emma após o casamento de Miss Taylor:

* Pobre Miss Taylor! Quem dera ainda estivesse aqui. Que pena que o sr. Weston foi cismar com ela!
* Não posso concordar com o senhor, papai; bem sabe que não posso. O sr. Weston é um cavalheiro de boas maneiras, agradável, um homem excelente, que merece uma boa esposa; e o senhor não ia querer que Miss Taylor morasse conosco o resto da vida, aguentando o meu mau humor, quando podia ter a sua própria casa.
* Sua própria casa! Mas que vantagem existe em ter a sua própria casa? A nossa é três vezes maior que a dela; e você nunca teve nenhum mau humor, minha filha (Austen, 2017, p. 8).

Nesse diálogo, podemos perceber como o Sr. Woodhouse, na função de "pai real", impõe simbolicamente sua visão castradora sobre Emma, desencorajando-a a sair de casa e, assim, limitando sua autonomia. Essa influência paterna é tão marcante que, mesmo quando Emma decide casar-se, ela opta por trazer seu marido para dentro do domínio paterno, em vez de construir uma nova vida fora da casa do pai.

A decisão de Emma revela a internalização do desejo paterno, mostrando que, embora ela pareça exercer sua própria vontade, suas escolhas estão profundamente enraizadas na ordem simbólica estabelecida pelo Sr. Woodhouse. Ele representa o patriarcado que, de forma sutil, perpetua seu domínio sobre Emma, mesmo quando ela aparentemente se liberta ao casar-se.

Portanto, o comportamento de Emma pode ser visto como uma manifestação do poder patriarcal inculcado por seu pai, o que reforça a ideia de que, em *Emma,* o casamento não é

apenas uma união pessoal, mas uma continuação do domínio simbólico do patriarcado, conforme representado pela figura do "pai real".

# CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo de Iniciação Científica revelou a crítica social na obra *Emma* de Jane Austen, tanto em sua forma literária quanto na adaptação cinematográfica de 2020, dirigida por Autumn de Wilde. A análise demonstrou que, embora situada no século XIX, a obra continua a dialogar de maneira potente com questões contemporâneas, especialmente no que diz respeito à opressão feminina e à persistência dos paradigmas patriarcais que ainda influenciam as relações sociais e conjugais.

No filme, o uso de tons pastéis e uma trilha sonora calma desempenha um papel fundamental na construção da narrativa. Estes elementos estéticos, ao suavizarem o ambiente visual e auditivo, criam uma atmosfera aparentemente leve e serena, que contrasta com o conteúdo e as críticas sociais presentes na trama. Essa escolha de estilo, embora aparentemente inofensiva, neutraliza, em certa medida, a força das tensões sociais e das críticas ao patriarcado que Austen construiu em sua obra. Ao criar um cenário agradável e uma trilha sonora tranquila, o filme mascara as opressões e desigualdades que permeiam as vidas das personagens, suavizando a recepção dessas questões pelo público.

Entretanto, essa dualidade entre forma e conteúdo não diminui a importância da crítica social presente na obra, mas sim destaca como as adaptações cinematográficas podem reinterpretar e recontextualizar mensagens originais, oferecendo novas camadas de significado. A combinação da crítica satírica de Austen com a estética do filme permite uma reflexão mais profunda sobre as desigualdades de gênero que, embora suavizadas pela estética continuam a ecoar de forma relevante em nossa sociedade.

Assim, *Emma*, tanto em sua versão literária quanto cinematográfica, permanece uma obra essencial para a compreensão das dinâmicas sociais e de gênero, incentivando uma análise crítica e contínua sobre os padrões que moldam e perpetuam as desigualdades de nossa época. A literatura e o cinema, juntos, continuam a oferecer um espaço de diálogo e reflexão sobre as questões que, infelizmente, ainda persistem em nosso mundo

contemporâneo.

# REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUSTEN, Jane. **Emma**. Tradução de Isadora Prospero. 1. ed. Rio de Janeiro: Antofágica, 2023.

AUSTEN, Jane. **Emma**. Tradução de Ivo Barroso. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: a experiência vivida. Tradução de Sérgio Milliet.

3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BISPO, F. S. et al. O que é um pai? A função paterna nos momentos iniciais do ensino de Lacan. **Psicologia Revista**, *[S. l.]*, v. 26, n. 1, p. 81–108, 2017. DOI: 10.23925/2594- 3871.2017v26i1p.81-108. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/view/30988. Acesso em: 29 ago. 2024.

EMMA. Direção: Autumn de Wilde Produção: Working Title Films, Blueprint Pictures, Perfect World Pictures. Cidade: Reino Unido, 2020. Working Title Films, 2020. 1 DVD (indicar o suporte e em unidades físicas), (2h05).

LOBATO, Sâmia Eleneane Austen: a mulher diante do casamento na sociedade inglesa do século XVIII. **Traduzir-se**, v. 4, n. 6, 2018. Disponível em: <http://site.feuc.br/traduzirse/index.php/traduzirse/article/view/84>. Acesso em: 30 ago. 2024.

PORTELA, Lorena. As tantas – e nem tantas – Emmas entre nós. In: AUSTEN, Jane. **Emma.**

Tradução de Isadora Prospero. Rio de Janeiro: Antofágica, 2023, p. 519-522.

SOALHEIRO, Marcela. O reencontro com Emma através das páginas e das telas. In: AUSTEN, Jane. **Emma.** Tradução de Isadora Prospero. Rio de Janeiro: Antofágica, 2023, p. 523-530.

VASCONCELOS, S. G. T. CONTRUÇÕES DO FEMININO NO ROMANCE INGL~ES DO

SÉCULO XVII. **Polifonia**, *[S. l.]*, v. 2, n. 02, 1995. Disponível em: https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/1188. Acesso em: 30 ago. 2024.